



Heterônimos, personas ou máscaras de Irving

Heteronyms, Personas or Irving Layton Masks

Alexandre Daniel de Souza Feldman*

Resumo: O controverso e polêmico poeta judeu canadense de origem romena, Irving Layton, travou uma batalha pessoal em relação a sua identidade artística e pessoal. Não apenas elementos religiosos e familiares são presença marcante em seus escritos, como também neles experiências mais íntimas e pessoais fornecem um tom híbrido e ao mesmo tempo único à sua poesia moderna e desafiadora. A dúvida que normalmente paira sobre os leitores é quem é esse autor multifacetado, esse conjunto de vozes que traz à tona coisas banais, singelas e perturbadoras. Como que ele consegue em alguns versos tratar de coisas tão distintas e em outros criar um amálgama de ideias que parecem estar assim fossilizadas há milênios. Do olhar cheio de desejo carnal lançado a uma aluna de literatura ao sofrimento pela ligação étnico-cultural e religiosa com as vítimas da Shoá, tudo que vem à tona nos poemas é resultado de seus heterônimos, de suas personas ou apenas máscaras que escondem o homem por trás do poeta ou tudo ao mesmo tempo. É isso que aqui apresento.

Palavras-chave: Identidade. Heterônimo. Poesia Canadense.

Abstract: The controversial and polemic Canadian Jewish poet from Romanian ascent, Irving Layton, strived a battle related to his artistic and personal identity that resembles the one faced by Portuguese Poet Fernando Pessoa. Not only religious and family features play important parts in his writings but also intimate and personal experiences give the hybrid tone as well as unique to his modern and defying poetry. The doubt that comes up to readers is who at last is this multifaced author, this group of voices who brings to the surface trivial, pretty and disturbing things. The way he can in some verses deal with so different elements while in other parts can create a mass of ideas who seem to be fossilized by centuries. From his staring full of lust to one of his literature students to the suffering due to his ethnical-cultural and religious connection to the victims of the Shoah, everything that comes up in the poems is a result of his heteronyms, personas or just masks to hide the man behind the poet or both at the same time. This is what I present here.

Keywords: Identity. Heteronym. Canadian Poetry.



Ao ser mencionada a palavra “heterônimo”, certamente, ao menos entre os leitores de língua portuguesa, o nome de Fernando Pessoa emerge de imediato. Entretanto, se nesse caso o reconhecimento desse fenômeno no poeta português é corriqueiro, aceito e indiscutível até mesmo por ele facilitar a identificação ao prover diferentes nomes aos heterônimos, no caso do poeta canadense Irving Layton, tal elemento ainda passa despercebido pela crítica e, pode até ser contestado por aqueles que não percebem como a influência cultural experimentada pelo autor o transmitiu uma pluralidade cultural que, de certo ponto pode até ser responsável por uma crise identitária que aflora de maneira contínua e inesperada.

É importante lembrar que Layton foi marcante no cenário cultural canadense revelando em sua obra aspectos inconfundíveis da representação identitária plural, da áspera crítica ao ambiente literário e político de seu país. Também levantam em seus escritos questões filosóficas e fatos históricos que moldaram o século 20. Sua ampla produção escrita engloba de poemas e ficção a ensaios e crítica. Polêmico, fazia questão de chocar o público com suas atitudes e palavras. Sua vida, como já mencionado em artigos anteriores, fora marcada por mudanças geográficas, diferentes perspectivas políticas e, acima de tudo, fatos inusitados. O mais singular, e que, de certo modo, moldou sua personalidade, foi o fato de ter nascido naturalmente circuncidado em um ambiente judaico religioso em Tirgu Neamt, na Romênia. Se por um lado esse não foi o primeiro caso registrado, por outro o recém-nascido Yisroel Pincu Lazarovitch carregaria essa imagem até o último dia de sua vida. Sua família emigrou para o Canadá em 1913, pode-se dizer numa época em que o país ainda não era “politicamente correto” como o Canadá contemporâneo.

Na Montreal do começo do século 20, cresceu na fronteira do bairro anglófono asquenaze e a parte católica e francesa, limitado ainda pelo espaço anglo-saxão e pela área dos nativos Mohawks. Enfrentam garotos antissemitas e suas provocações. Enfrentou o olhar dispensado aos judeus numa cidade até hoje reconhecidamente católica. A imagem da mãe ativa em oposição ao pai apático e entregue ao estudo religioso como fuga às dificuldades na nova terra complementa a visão do mundo exterior e imprime no jovem Issi a percepção da realidade como justaposição de forças contrárias.

O jovem Issi já tentava se libertar de certa forma do mundo de seus pais, mas forças opostas tanto na sociedade quanto internamente e pessoais o mantinham



apagado. Em sua autobiografia que, de certo modo, é uma condensação de seus heterônimos e personalidades, Layton relembra aromas, cores e momentos familiares. O poeta, tanto na autobiografia quanto em seus poemas, recorre a lembranças da infância, do cheiro de pão assado especialmente para o *shabbat*, recriando um ambiente, agora exaltado pelo poeta que olha para o passado e tenta reescrever sua vida, oferecerem suas raízes mais profundas. Contudo, essa realidade inatingível, tanto na escrita quanto na história, recebe na autobiografia um apreço acima do que o demonstrado pelo autor durante sua vida. O ambiente judaico foi marcante em sua infância, mas não foi um mundo no qual Layton quisesse permanecer. Ao contrário, dele emergiu e se afastou em sua juventude, retornando apenas quando bem mais maduro escreveu sobre seus sentimentos em relação à sua judaicidade. Ele, até certo ponto, mesmo não negando a origem, queria ser canadense.

De qualquer forma, o que salta aos olhos daquele que trava contato com a autobiografia de Irving Layton é que mais uma vez o autor está criando, desta vez narrando histórias sobre Israel Pinchas Lazarovitch, ele falando de um outro eu. Layton é narrador de si, ou de uma parte de si, mas para frustração de muitos, se revela outro, pois quem escreve agora é Irving Layton. Assim, não temos uma autobiografia de Israel P. Lazarovitch. O autor usa a força de um narrador para falar de si. E este narrador é o poeta. Na verdade, para evitar a frustração tem-se de necessariamente pensar “o múltiplo” em vez de “o outro”, ou seja, aceitar a impossibilidade de fronteiras precisas entre poeta e pessoa, persona e personagem, heterônimo e o eu.

Irving Layton reflete em alguns poemas o calor e imaturidade pueril do pequeno *Flamplatz*, seu apelido de “chama ardente”, em ídiche, que recebera de sua mãe. Tal informação é corroborada em sua autobiografia quando diz que cresceu ouvindo histórias de que havia sido predestinado a ser um messias ou alguém extraordinário. Mas ninguém sabe por si que nascera ou não naturalmente circuncidado revelando que suas lembranças e ligações com o mundo judaico, em especial das poesias da fase que trata da Shoá, momento de vida em que o poeta canadense visita Israel e trava contato com os horrores do nazismo durante a Segunda Guerra, marca sua história e evidencia a importância que elas tiveram durante sua vida, foram narradas por seus familiares. Portanto, o menino não tem lembranças diretas do mundo judaico da Romênia e, sim, das narrativas absorvidas por ele. Estes elementos marcantes na identidade do autor são de extrema relevância porque atestam que a identidade também é um produto da elaboração do discurso e da



vivência em sociedade. É algo fluído e em constante mutação. Não há uma identidade fixa. Os limites de nossas tradições narrativas servem como limites de nossa identidade e os embates e processos de contato com os grupos que ampliam ou modificam esse perceber. Como o discurso - no qual as narrativas se processam e se modulam existe no meio social, na interação entre falante(s)/ouvinte(s), a criação discursiva da identidade coletiva, tanto quanto a identidade individual, é modelada no meio social. Tende-se, comumente a imaginar o indivíduo como um ser único, indivisível, como alguém portador de uma identidade coerente, fixa e constante, esquecendo-se de que o indivíduo adota e assume identidades específicas conforme o posicionamento e situações específicas. E mais, o processo identitário passa por filtros internos que levam em conta múltiplos fatores que podem de diferentes modos abalar ou balizar determinadas crenças.

Esse processo é marcante no caso de Irving Layton e pode ser mais facilmente depreendido pela constante troca de nome como num processo de autodescoberta de sua identidade ou facetas de sua identidade ou identidades concomitantes e, por fim, por heterônimos, pois, afinal, suas personas revelam diferentes máscaras. Semelhantes às máscaras dramáticas. O que ocorre é que as máscaras adotadas, as narrativas e os diferentes posicionamentos criam "eus-internos múltiplos" que podem se contradizer conforme as situações em que são colocados e também no momento que falante e ouvinte negociam o posicionamento no discurso e a validação do conteúdo deste. Tivesse Issi não dado tanta importância às narrativas absorvidas no ambiente familiar sobre o seu nascimento, talvez o poeta Irving Layton fosse menos arrojado. Mas aqui cabe a pergunta se o limite imposto pela narrativa permitiria tal despreendimento?

Independente da resposta, a certeza de sua força especial foi gravada em sua consciência mesmo que surgida por meio de um discurso religioso que o próprio autor questionou, duvidou e, mais tarde, abandonou. Assim, foi o jovem Issi, predestinado a messias, que tentou resculpir Israel Lazarovitch e criar o poeta Irving Layton. Deste modo, Layton enquanto Layton é a exteriorização de partes de Lazarovitch. Esta forma de pensar o poeta dentro da pessoa como um fragmento permite explicar as descontinuidades na produção da identidade, na criação dos eus, pela multiplicidade de narrativas e discursos sobrepostos e também interpretações múltiplas conforme o posicionamento dos interlocutores e ouvintes. E, em termos poéticos, percebe-se que há uma linha tênue entre heterônimos e diferentes posicionamentos de um mesmo eu-lírico



em diferentes fases da produção escrita. Ainda mais no caso de autores que vivem e produzem durante várias décadas. Assim, o que normalmente é entendido pela crítica literária mais conservadora como simples fases de um mesmo autor, pode ser nada mais, nada menos do que manifestações de heterônimos anônimos, sem nomes. Isto significa questionar a rigidez pensada ao eu-lírico e ampliar para eus-líricos. Assim, os poemas de Layton, são poemas de Lazarovitch. Layton (um dos eu-líricos) se transforma numa Hidra e suas múltiplas cabeças revelam suas mais variadas facetas.

Se o autor usa o poeta dentro de si, sua parte poética, seu eu-lírico de modo a colocar no papel sua visão da realidade e seu sentimento, o poeta exteriorizado no poema ou simplesmente veículo para produção do poema precisa de Lazarovitch (o escritor) e de suas múltiplas identidades e visões para poder existir, pois o poeta é o resultado dos processos que antecederam sua criação. Em suma, o poeta é, quanto identidade, também criação, ainda que não recorra a pseudônimos ou heterônimos. Contudo, um olhar aprofundado pode revelar surpresas, afinal, *Isadore Lazarre* (o primeiro heterônimo de Layton) é muito básico enquanto *Irving Lazarre* já chama a atenção de proeminentes escritores como, por exemplo, A. M. Klein.

Mais tarde Lazarovitch se tornou *Irvine Lazare*, um membro da Liga Socialista Jovem e travou debates acalorados e participou de manifestações e pronunciamentos como o que proferiu na Liga de Defesa dos Trabalhadores Canadenses em 1932. Contudo, o marxista Lazare, também seria rapidamente substituído por *Irving Peter Lazarovitch*, agora já na faculdade, reconhecido orador e editor do jornal dos estudantes.

Na formatura *Irving Peter Lazarovitch* deu espaço para *Irving Peter Layton* após sua passagem pelos EUA. Antes dos 50 anos Irving Layton admitia os muitos mundos em que viveu e ainda vivia. Fato revelado numa dedicatória em 1941:

*Every person lives in many worlds. But
There is one world among others that includes
all the others. He is, indeed, fortunate who
discovering, dwells in it. And it sometimes happens!*

Mundos dentro de um mundo, pessoas dentro da pessoa como identificado pelo próprio Frye ao dizer que “há um poeta verdadeiro enterrado no Sr.



Layton, gentil, talentoso, solitário e amedrontado que nos revela o quanto o seu amor infantil por Tenyson tornou-se um medo do mundo hostil.” E, para quem pensa que Israel Pincu Lazarovitch toleraria ser esquecido, substituído por Irving Layton, lá estava ele submerso na morte de sua identidade multifacetada no poema “Linha sobre eu mesmo”:

*Here rots Irving Layton
Claimed by no kith or kin;
Friends I had none, for who
Could love an ironic Jew*

*Being a misanthrope
I gave mankind rope,
But women I loved well
And still want them in hell.*

*Next I love poetry,
Though knew the poets lie;
I sometimes loved the sun,
Clouds and thoughtless children*

*All mercurial things;
Streams, air, bright-coloured wings
I hated cruelty
The world s well rid of me.*

A autoimagem como mártir, os outros dois filhos ainda a nascer em mais três casamentos, o poeta messiânico portador de um discurso com estandarte proletário, mas com viagens ao exterior e apreciador da boa vida, a identificação com as vítimas da Shoá, o amor tardio por Israel, a despreocupação com a estética e a beleza e o olhar para a degradação humana e a morte. Nada disso, por mais submerso que esteja nas últimas estrofes, aparece em sua autobiografia. Ela termina tranquilamente no ponto em que Layton se casa com Betty. Estranhamente era neste momento que ele deveria ter começado sua narrativa, afinal, como anteriormente mencionado, foi Irving Layton quem “passou a existir” e ele quem escreveu *Esperando pelo Messias*. Mas, ao que indica, Irving Layton escreveu sua autobiografia até o ano em que Irving Layton nasceu e, talvez, propositadamente, tenha deixado para outros escreverem sobre ele. Afinal, a autobiografia foi escrita pela persona, por uma das máscaras empregadas pelo poeta romeno-canadense. De qualquer forma, o



“filho do mendigo”, tradução de seu sobrenome Lazarovitch, abriu as portas para a poesia moderna canadense e para a presença judaica neste círculo.

Em 2006, Israel, Issi, Irvine, Isadore, Irving, Pincu, Peter, Pero, Pinchas, Lazarovitch, Lazarre e Layton encontram o seu maior e mais abrangente “eu”, pois em suas próprias palavras, a morte é a maior benfeitora da humanidade, ela é como o Messias, o que verdadeiramente nos redime:

*Death washes the face of the world
As the light-filled water
Purling over the beachstones at my feet.*

* **Alexandre Daniel de Souza Feldman** é professor na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Referências

CAMERON, Elspeth. *Irving Layton. A portrait*. Toronto: Stoddart, 1985.

LAYTON, Irving. *Waiting for the Messiah: A Memoir*. Toronto: McClelland & Stewart, 2006.